



DECon

Departamento de Economia e Contabilidade da **UNIJUI**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 11/06 a 17/06/2010

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Daniel Claudy da Silveira²

¹ Professor do DECon/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Economista pela UNIJUI, técnico administrativo junto ao DECon/UNIJUI.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago - CBOT

Produto Data	GRÃO DE SOJA (US\$/bushel)	FARELO DE SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO DE SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
11/6/2010	9,46	289,70	36,90	4,40	3,49
14/6/2010	9,51	290,00	37,39	4,51	3,53
15/6/2010	9,49	285,70	37,81	4,51	3,53
16/6/2010	9,57	287,00	38,13	4,61	3,56
17/6/2010	9,52	286,00	38,05	4,62	3,57
Média	9,51	287,68	37,66	4,53	3,54

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho = 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

Médias semanais* (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA		Var. % relação média anterior
RS - Passo Fundo	37,80	0,80
RS - Santa Rosa	37,30	0,81
RS - Ijuí	37,30	0,81
PR - Cascavel	35,32	-0,79
MT - Rondonópolis	33,30	0,12
MS - Ponta Porã	32,48	-0,22
GO - Rio Verde (CIF)	33,12	-0,87
BA - Barreiras (CIF)	32,30	-1,10
MILHO		Var. % relação média anterior
Argentina (FOB)**	159,20	-1,24
Paraguai (FOB)**	109,00	-0,91
Paraguai (CIF)**	165,30	-1,67
RS - Erechim	18,25	-1,62
SC - Chapecó	18,85	0,59
PR - Cascavel	17,06	-1,90
PR - Maringá	16,86	-2,94
MT - Rondonópolis	12,45	-4,23
MS - Dourados	15,30	-5,26
SP - Mogiana	17,95	-0,55
SP - Campinas (CIF)	20,06	-2,24
GO - Goiânia	16,05	-3,31
MG - Uberlândia	17,05	0,29
TRIGO***		Var. % relação média anterior
RS - Carazinho	410,00	0,00
RS - Santa Rosa	410,00	0,00
PR - Maringá	435,00	-1,14
PR - Cascavel	435,00	-1,14

* Período entre 11/06 e 17/06/10

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. ** Preço médio em US\$ por tonelada. *** Em Reais por tonelada

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	16,00	33,55	21,50

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul

Produto	17/06/2010
Arroz em casca (saco 60 Kg)	27,03
Feijão (saco 60 Kg)	67,08
Sorgo (saco 60 Kg)	12,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	2,21
Leite (litro) cota-consumo (valor bruto)	0,63
Boi gordo (Kg vivo)*	2,56

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

MERCADO DA SOJA

O mercado da soja voltou a oscilar bastante nesta semana, porém, permanecendo dentro dos parâmetros já conhecidos. Após ter atingido a mínima de US\$ 9,35/bushel no dia 10/06, as cotações chegaram ao seu melhor nível de junho no dia 16/06, ao fecharem em US\$ 9,57, concluindo a semana com fechamento de US\$ 9,52/bushel nesta quinta-feira (17).

O mercado absorveu os números baixistas do relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado no dia 10/06, além de viver um momento um pouco melhor na participação do capital especulativo, com o encaminhamento temporário da crise na Europa. Ao mesmo tempo, o verão no Hemisfério Norte se inicia e as atividades econômicas tendem a diminuir. Soma-se a isso uma oferta mais apertada de soja nesse final de ano comercial 2009/10, com os preços no mercado físico dos EUA se mantendo interessantes. Tanto é verdade que o prêmio no Golfo do México fechou a semana entre 66 e 68 centavos de dólar por bushel, para junho.

O plantio nos EUA avança, chegando no dia 13/06 em 91% da área esperada, enquanto as condições das lavouras apresentam um índice de 58% bom, 15% muito bom, 22% regular, 4% ruim e apenas 1% muito ruim.

Paralelamente, na semana encerrada em 10/06, os embarques de soja por parte dos EUA alcançaram 201.000 toneladas, acumulando desde setembro 36,6 milhões de toneladas, contra 30 milhões em igual período do ano anterior. Já o esmagamento de soja, no mês de maio, chegou a 3,5 milhões de toneladas nos EUA, contra 3,9 milhões em maio do ano passado. Por sua vez, os registros de exportação, na mesma semana, ficaram em 315.700 toneladas no somatório da safra velha e nova. No acumulado desde setembro, o volume chega a 38,7 milhões de toneladas, contra 33,8 milhões um ano antes.

No momento, além do fator financeiro especulativo, o mercado do clima nos EUA passa a comandar os movimentos em Chicago, lembrando que no dia 30/06 temos o relatório final de plantio, onde se saberá a área definitiva semeada na safra de verão local, além de outras informações. No momento, há umidade excessiva em alguns estados produtores, fato que pode atrasar o final do plantio, embora o mesmo esteja dentro da média histórica.

Dito isso, em termos mundiais outro aspecto que passou a chamar a atenção do mercado se encontra no Canadá, onde a safra de canola encontra dificuldades climáticas, fato que pode reduzir a oferta local do óleo desta oleaginosa, favorecendo maior demanda pelo óleo de soja.

Por sua vez, na China as importações de soja em grão totalizaram 4,37 milhões de toneladas em maio de 2010, com alta de 24% na comparação com o mesmo período do ano anterior. No acumulado do atual ano, as importações somam 19,6 milhões de toneladas, com aumento de 12,8% sobre igual período do ano passado. Em abril, as importações somaram 4,2 milhões de toneladas. (cf. Safras & Mercado)

Notícias procedentes do país asiático dão conta de que os seus portos estão congestionados e os estoques de soja se elevando consideravelmente. Há problemas com a capacidade de armazenagem. Isso poderá arrefecer futuramente as compras chinesas, puxando para baixo as cotações em Chicago. Uma realidade que não é boa para o lado vendedor, principalmente se isso coincidir com o período de colheita nos EUA. Particularmente porque a China tem sido forte compradora da soja estadunidense.

Vale ainda destacar que as exportações mundiais de soja nos primeiros cinco meses do ano teriam alcançado 41,5 milhões de toneladas. Isso significa um aumento de 21% (7,1 milhões de toneladas) sobre igual período do ano anterior, fato que confirma uma demanda aquecida, por enquanto. (cf. Oil World)

Todavia, assim como a soja, os produtos concorrentes igualmente vêm registrando aumento em suas ofertas mundiais. A colza/canola, por exemplo, acusa uma oferta global de 67 milhões de toneladas, tendo a mesma aumentado em 30 milhões de toneladas em apenas sete anos.

Nesse contexto, o incremento nos estoques das principais oleaginosas somadas levaria a um volume final estocado de 88 milhões de toneladas em 2010/11, com os mesmos representando 20% do uso anual mundial.

Colaborou para isso a impressionante safra sul-americana de soja deste ano, a qual atingiu a 134,5 milhões de toneladas nos cinco principais países produtores da região, representando um aumento de 39 milhões de toneladas sobre o volume registrado no ano anterior.

Enquanto isso, o mercado da soja na Argentina se mantém estável, com a colheita, até o dia 10/06, alcançando 98% da área e uma expectativa de volume aumentada agora para 55 milhões de toneladas, embora ainda haja controvérsias estatísticas. O prêmio em Rosário fechou a semana entre 40 e 45 centavos de dólar por bushel para junho.

Além disso, só agora a Monsanto vem negociando com os produtores argentinos a implantação de um sistema de royalties a ser cobrado pelo uso das sementes transgênicas.

Durante a semana surgiu a ameaça dos portuários argentinos entrarem em greve, fato que levaria ao impedimento das exportações de soja e derivados pelo país, além de outros produtos.

Enfim, o maior problema agora continua sendo o impasse com a China em torno da exportação de óleo de soja. A justificativa para a interrupção seria técnica, mas se dá como certo que se tratou de represália à avalanche de medidas antidumping aplicada por Buenos Aires a produtos industriais "made in China", tipo o ocorrido com produtos brasileiros. Com isso, a Argentina arrisca um negócio que deveria render de US\$ 1,5 bilhão a US\$ 2 bilhões às suas exportações neste ano. Parte dos embarques foi desviada à Índia. O governo argentino mandou uma comitiva de altos funcionários a Pequim, há duas semanas, na tentativa de buscar uma solução, a qual, por enquanto, não deu resultados.

Na Europa, os preços CIF Rotterdam para os pellets de soja se fixaram, para junho, em US\$ 348,00 e US\$ 339,00/tonelada respectivamente para o produto brasileiro e argentino.

No mercado brasileiro, o recuo do dólar, que acabou batendo novamente na casa de R\$ 1,78 na quinta-feira (17) acabou retirando os ganhos de Chicago e o mercado ficou relativamente estável nos valores pagos no balcão. No mercado gaúcho, o saco ficou em R\$ 33,55 em termos médios, porém, registrou-se alguma melhoria nos lotes. Os mesmos fecharam a semana entre R\$ 37,50 e R\$ 38,00/saco no Estado gaúcho e entre R\$ 32,50 e R\$ 35,50/saco nas demais praças do país.

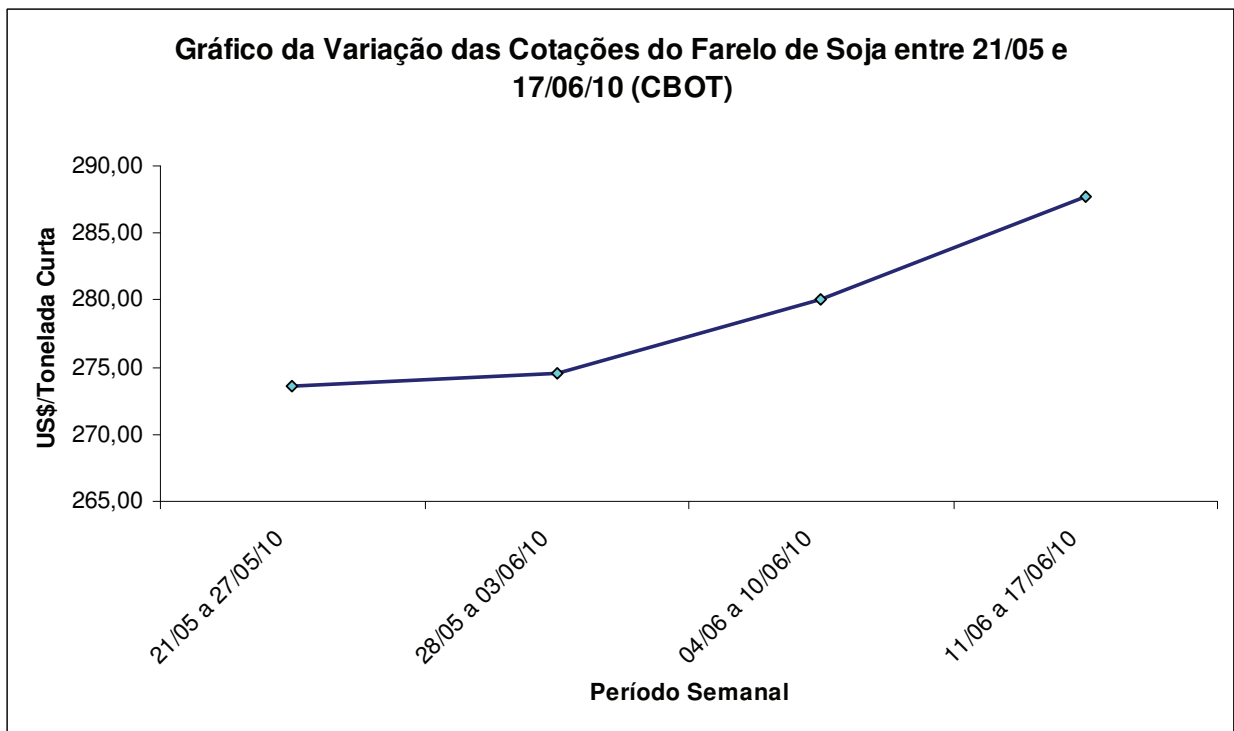
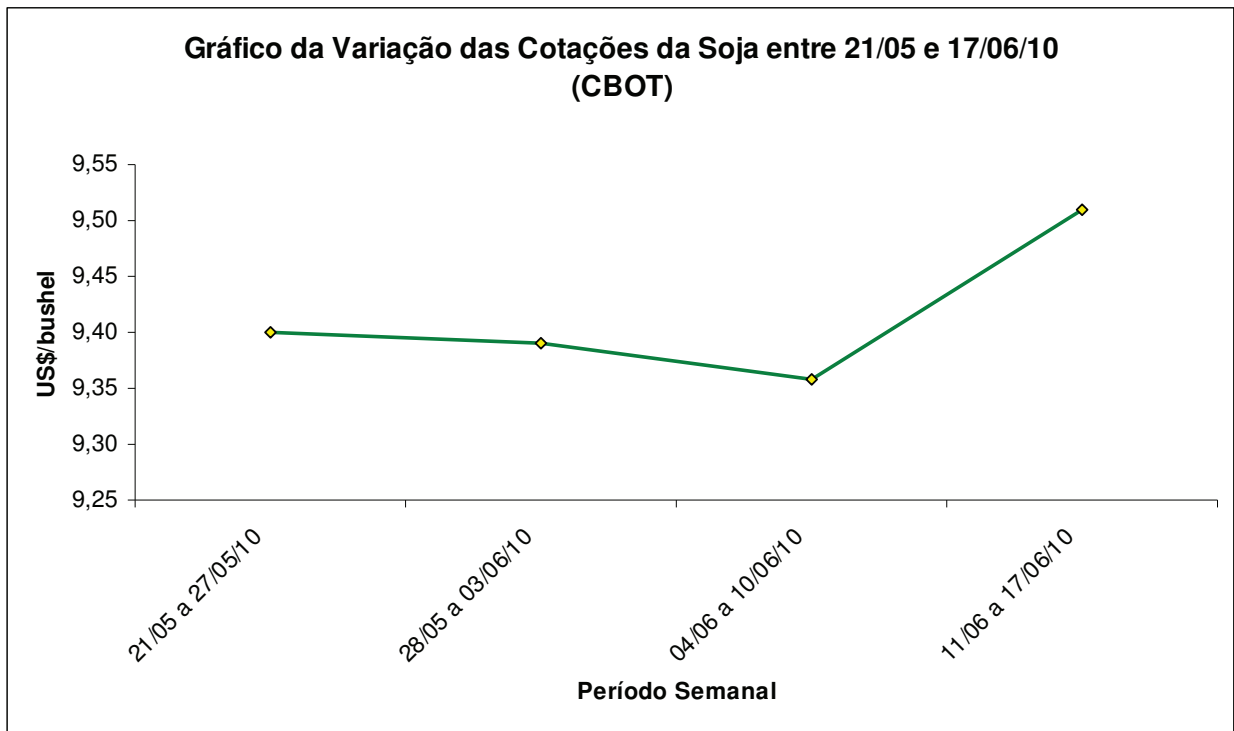
Além disso, os prêmios se mantiveram entre 46 e 85 centavos de dólar por bushel nos diferentes portos brasileiros, o que são excelentes para o período e diante do tamanho da safra que o país acabou de colher.

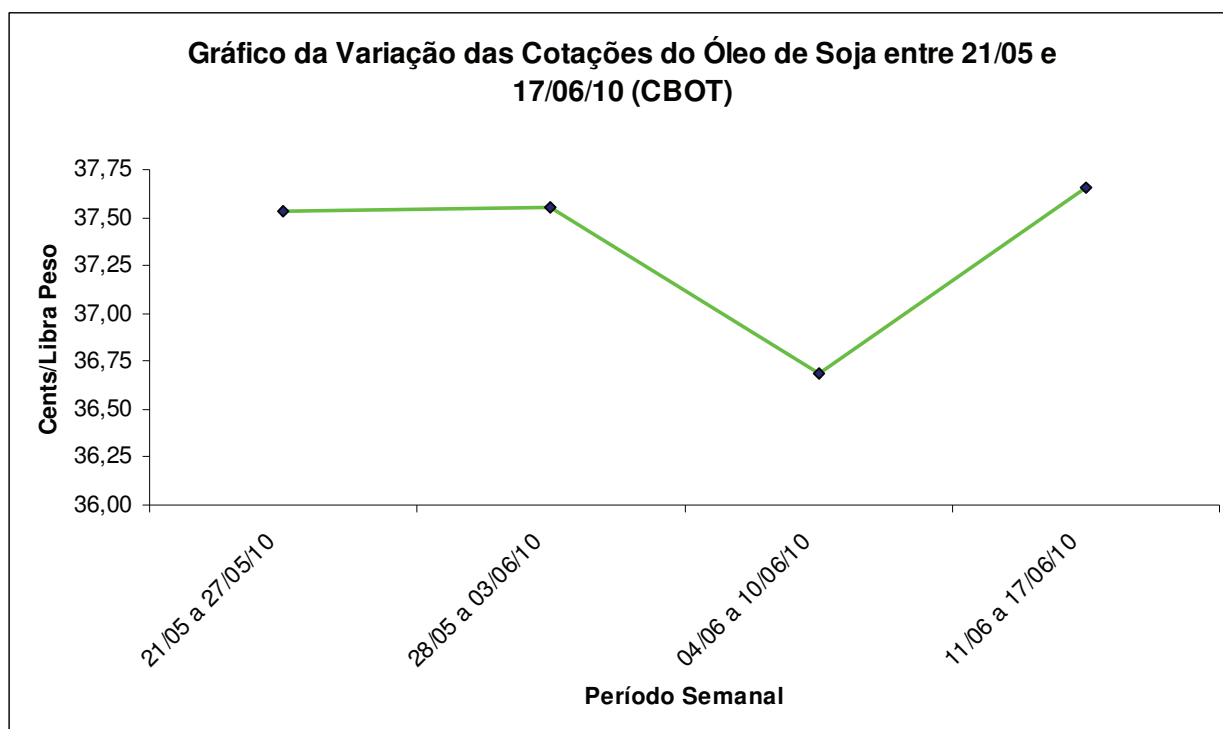
Nesse contexto, a tendência é o mercado permanecer ao redor destes níveis, sendo que a boa notícia vem do fato de que provavelmente não ocorram reduções maiores nos preços internos para o segundo semestre. Obviamente, isso ainda irá depender da colheita final dos EUA e o seu efeito sobre as cotações em Chicago. Vale lembrar que para os meses futuros (novembro particularmente), quando entrará a nova safra estadunidense, Chicago já cotou o bushel abaixo dos US\$ 9,00. Isso provavelmente poderá se confirmar naquele período. Desta forma, um pequeno exercício de projeção para novembro, mantendo-se o atual patamar cambial (R\$ 1,78) e de prêmios (média de 63 centavos de dólar por bushel), pode-se dizer que os preços internos, de balcão, tendem a ficar entre R\$ 31,50 e R\$ 33,00/saco no mercado gaúcho e R\$ 22,00 e R\$ 25,00/saco no Centro-Oeste.

A semana termina com o vazio sanitário tendo iniciado no Mato Grosso e Paraná e devendo terminar apenas em 15 de setembro. Com isso, no período, os produtores locais ficam proibidos de plantar qualquer tipo de soja em suas propriedades, objetivando eliminar possíveis avanços de pragas, particularmente a ferrugem asiática.

Enfim, o quadro de oferta e demanda nacional para 2010 indica, segundo Safras & Mercado, os seguintes números: uma produção final de 68,05 milhões de toneladas; um esmagamento de 33 milhões de toneladas; uma exportação de 29 milhões de toneladas; uma produção de farelo de soja de 25,4 milhões de toneladas; um consumo interno de farelo de 12,4 milhões e exportações de 12,8 milhões de toneladas; uma produção de óleo de soja de 6,27 milhões de toneladas; um consumo interno de óleo de 5,1 milhões, sendo 1,81 milhão em biodiesel, e exportações de 1,2 milhão de toneladas.

Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 21/05 e 17/06/2010.





MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago fecharam a quinta-feira (17) em US\$ 3,57/bushel, após US\$ 3,43 uma semana antes.

O mercado do cereal não tem oscilado muito em função de uma oferta mais elevada em termos mundiais, assim como uma produção nos EUA que caminha normalmente, indicando a possibilidade de um novo recorde histórico. Todavia, em termos conjunturais, o excesso de chuvas em regiões produtoras dos EUA, com algumas enchentes, começa a preocupar o mercado.

Dito isso, as exportações semanais melhoraram nos EUA, alcançando um volume 941.911 toneladas na semana anterior, contra 907.101 toneladas uma semana antes. Para esta semana o volume foi ainda melhor, chegando a 1,09 milhão de toneladas. Já as condições das lavouras estadunidenses ainda se mantêm muito boas, com 77% entre boas a excelentes e 23% entre regulares e ruins.

Paralelamente, o USDA elevou o consumo de milho para etanol neste ano comercial, aumentando a projeção de consumo para o próximo ano em 2,72 milhões de toneladas, levando o total para 127,92 milhões de toneladas. Este nível de consumo somente era esperado para 2012/13 e está sendo antecipado. Isto gerou uma redução de estoques finais, com os mesmos vindo a 40 milhões de toneladas, ou seja, igual ao atual e neutralizando o tamanho da safra dos EUA em 2010. (cf. Safras & Mercado)

Nesse contexto, ganha importância o relatório de área cultivada, que será divulgado no dia 30/06. O mercado especula que a mesma pode sofrer um aumento.

Na Argentina, a colheita da safra de verão de milho alcançou 83% no dia 10/06, contra 92% em igual período do ano anterior. Os preços locais continuam oscilando, tendo terminado a semana em US\$ 160,00/tonelada FOB, contra US\$ 158,00 na semana anterior e US\$ 167,00/tonelada há duas semanas.

No mercado brasileiro, após um longo período em recuperação, os preços cederam na semana. Na média algumas regiões perderam entre 4% e 5%, caso particular do Centro-Oeste, onde a safrinha começa a ser colhida. Este comportamento baixista era previsto na medida em que a safrinha entra no mercado.

Assim, o balcão gaúcho, onde a safrinha praticamente não existe, subiu para R\$ 16,00/saco, enquanto o sorgo local ficou em R\$ 12,00/saco, enquanto os lotes no norte do Estado se mantiveram em R\$ 18,25/saco. Nas demais regiões do país, os lotes de milho oscilaram entre R\$ 12,00/saco em Rondonópolis (MT) e R\$ 18,85/saco em Chapecó (SC). Na exportação, os preços oscilaram entre US\$ 160,00 e US\$ 163,00/tonelada.

Assim, a partir deste momento o mercado parece indicar que o movimento altista terminou e o mercado começa a corrigir para baixo os preços do cereal diante de uma safrinha importante e de dificuldades para maiores exportações. Uma nova recuperação de preços, caso ocorra, poderá vir no último trimestre do ano. E isso, mesmo com a continuidade dos leilões de PEP, os quais estavam dando sustentação aos preços nessas últimas semanas.

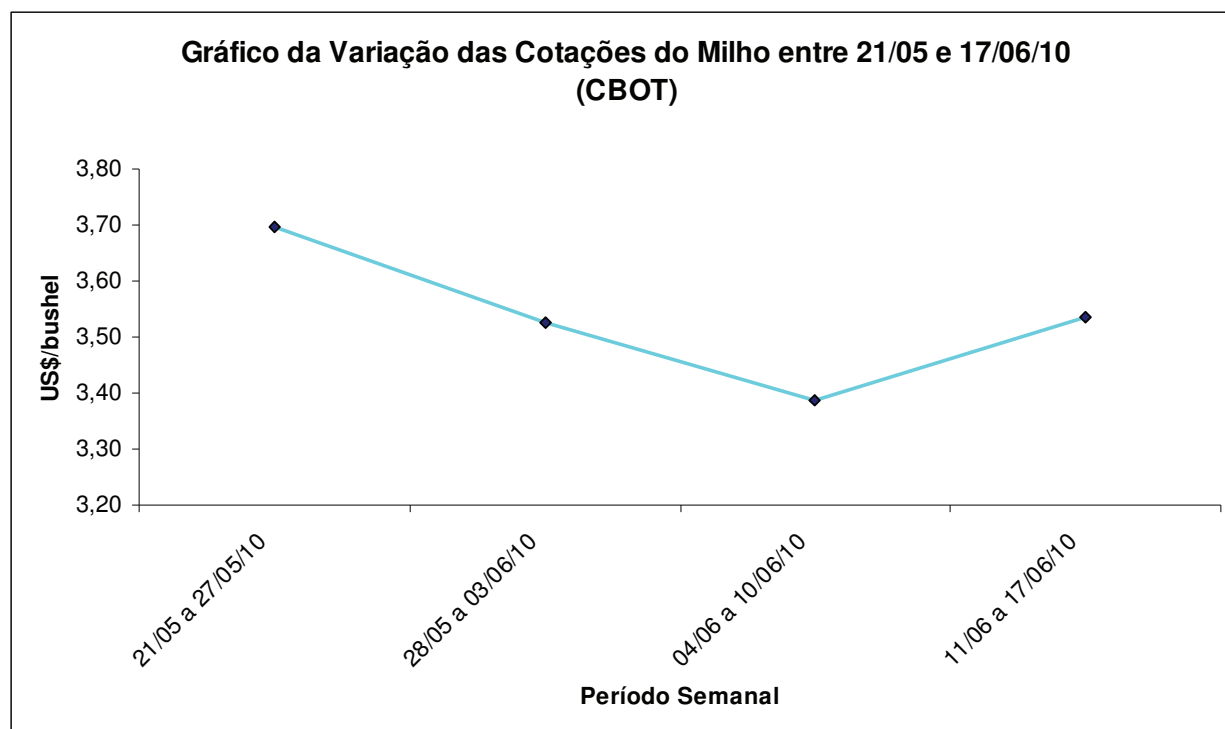
Na prática, o mercado procura pelo menos manter os preços ao nível do preço mínimo nas diferentes regiões, o que não tem sido fácil diante da oferta existente.

No que tange a atual colheita da safrinha, no Mato Grosso, até o dia 10/06, a colheita somava o triplo do que havia alcançado no ano passado nesta mesma época (6,2% da área). A área semeada chegou a 2 milhões de hectares naquele Estado, ou seja, 400.000 hectares acima do registrado no ano anterior. A seca acelerou a maturação do grão, levando a uma colheita mais rápida. O Mato Grosso espera colher 8,3 milhões de toneladas, mesmo com as perdas causadas pela seca (na região de Sorriso as perdas teriam chegado a 30%). Todavia, os preços serão ruins, ficando entre R\$ 7,00 e R\$ 7,50/saco, ou seja, 51% abaixo do registrado no ano anterior, conforme o Instituto Mato-grossense de Economia Aplicada (IMEA). Nesse caso, haverá produtores com perdas de até R\$ 300,00/hectare em muitas regiões do Estado.

Enfim, um novo leilão de PEP ocorreu neste dia 17/06, havendo alguns reajustes nos valores dos prêmios, dependendo da região. No Mato Grosso há orientação aos produtores sindicalizados de que não comercializem seu milho em leilões se o prêmio, somado ao preço de mercado, não atingir o preço mínimo de R\$ 13,98/saco. Esse leilão trouxe uma grata surpresa, pois registrou ótima demanda. Com isso, o mercado tem 2,26 milhões de toneladas em PEP no momento, realizados no Centro-Sul brasileiro. Diante desse quadro, o governo decidiu manter os prêmios para o leilão do dia 24/06, havendo previsão apenas de uma redução no volume do Mato Grosso do Sul e remanejamento de 10.000 toneladas no Mato Grosso. Nesse contexto, espera-se que o fluxo de embarque aumente antes que os preços internos comecem a recuar pela entrada da safrinha. (Cf. Safras & Mercado)

A semana terminou com o saco de milho valendo, na importação CIF indústrias nacionais, R\$ 26,40 para o produto procedente dos EUA e R\$ 24,24 para o produto da Argentina, ambos para junho. Para o mês de julho o produto argentino ficou em R\$ 24,35. Na exportação, o transferido via Paranaguá registrou R\$ 16,42/saco para junho; R\$ 17,08 para julho; R\$ 16,86 para agosto; R\$ 17,19 para setembro e R\$ 17,31/saco para outubro.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período de 21/05 e 17/06/2010.



MERCADO DO TRIGO

Na Bolsa de Chicago, nesta semana, as cotações do trigo tiveram uma recuperação em relação à semana anterior, fechando a quinta-feira (17) em US\$ 4,62/bushel, contra US\$ 4,33/bushel na quinta-feira dia 10. Na média semanal, a mesma ficou em US\$ 4,53/bushel, demonstrando recuperação.

No mercado externo, a perspectiva de diminuição na área destinada ao cultivo de trigo no Canadá deu suporte para a alta nos preços do cereal nesta semana nas Bolsas norte-americanas. A área deve ser 18% menor em relação ao ano anterior, chegando ao menor nível desde 1971. A diminuição deve significar mais exportações para o cereal estadunidense. A colheita do trigo de inverno nos EUA vem apresentando um baixo nível de proteína encontrado nos grãos, tornando o produto hábil apenas para consumo animal. Ou seja, a qualidade está muito ruim do produto local.

Lembramos que o USDA projeta a safra norte-americana de trigo na temporada 2010/11 em 56,26 milhões de toneladas, acima da estimativa anterior de 55,60 milhões

de toneladas, com os estoques finais do país, na temporada 2010/11, projetados em 24,79 milhões de toneladas, ou seja, abaixo das 27,13 milhões de toneladas indicadas em maio.

As inspeções de exportação estadunidenses de trigo chegaram a 382.000 toneladas na semana encerrada no dia 10 de junho, segundo o USDA. Na semana anterior, haviam atingido 455.000 toneladas (número revisado). Em igual período do ano passado, o total inspecionado foi de 384.000 toneladas. No acumulado do ano comercial, iniciado em 1º de junho, as inspeções somam 610.000 toneladas, contra 695.000 toneladas no acumulado do ano anterior. Já as vendas líquidas estadunidenses, na mesma semana, ficaram em 59.500 toneladas, relativas ao ano comercial 2010/11.

Em relação à evolução da colheita de trigo de inverno, até o dia 13 de junho a área colhida atinge 9%, contra 3% na semana anterior. Em igual período do ano passado, o número estava em 7% sendo que a média dos últimos quatro anos é de 12%.

Em termos mundiais ainda, a Índia deve vender mais trigo dos estoques governamentais, para liberar espaços em seus armazéns. O governo liberou vendas dos estoques até junho, e irá continuar por mais alguns dias. Os estoques federais de trigo atualmente estão em 33,7 milhões de toneladas, enquanto que o governo necessita anualmente de 4 milhões de toneladas. (cf. Safras & Mercado)

Por sua vez, na Argentina, de acordo com a Bolsa de Cereais de Buenos Aires (BCBA), até o dia 10 de junho o plantio já havia alcançado 26% da área prevista para o trigo, cuja estimativa é de 4,2 milhões de hectares. Em números absolutos foram plantados 1,1 milhão de toneladas, que corresponde ao dobro da área que havia sido plantada no mesmo período do ano passado (2009/10). Do total plantado nesta safra, 60% se concentra nas províncias do noroeste, no centro norte e leste de Córdoba e, no centro sul de Santa Fé.

No Uruguai, o volume de exportações de trigo, no acumulado do ano comercial 2009/10 (novembro/09 até junho/10) foi de 725.000 toneladas, o que corresponde a um acréscimo de 13,8% em relação ao mesmo período do ano comercial anterior (637.000 toneladas). O preço médio recebido pela tonelada no ciclo atual é de US\$ 245,00, o qual também supera o preço do mesmo período do ano passado que foi de US\$ 209,00 por tonelada. O Uruguai produziu 1,9 milhão de toneladas na safra 2009/10 e a projeção para a próxima safra do cereal é de que fique entre 1,35 e 1,40 milhão de toneladas. (cf. Safras & Mercado)

Ainda no Mercosul, o mercado segue praticamente parado, ou seja, sem interesse comprador. Na Argentina, no Up River as bases de venda para embarque em julho são cotadas a US\$ 233,00 por tonelada. Para agosto, no porto de Necochea, há vendedores indicando nominalmente cotações a US\$ 238,00 por tonelada. Já para a safra nova, nos meses de dezembro e janeiro, no Up River a tonelada é cotada a US\$ 190,00 na venda. No Uruguai, encontram-se vendedores a US\$ 229,00 por tonelada para embarque em agosto e a US\$ 185,00 por tonelada para a safra nova, com embarque entre dezembro e janeiro. (cf. Safras & Mercado)

No mercado brasileiro, os preços do cereal continuam em patamares muito baixos, com dificuldades de comercialização. No Rio Grande do Sul, a média do produto no balcão,

ficou em R\$ 21,50/saco na semana, enquanto os lotes ficaram estabilizados em R\$ 410,00/tonelada. No Paraná, também para o mercado de lotes, houve queda nas cotações, com a tonelada fechando a semana em R\$ 435,00. Continua não havendo perspectiva de melhoria nos preços nacionais do cereal, principalmente porque o câmbio voltou a recuar para níveis abaixo de R\$ 1,80.

O mercado brasileiro enfrenta, além dos reflexos externos de uma excelente produção mundial, uma maior oferta interna do produto (com elevados estoques), que por sua vez, combinados com o câmbio em vigor, justificam a fraqueza dos preços no Brasil neste ano comercial. Para se ter uma ideia, a temporada 2008/09 iniciou em agosto de 2008 com apenas 425.000 toneladas em estoques. Com a excelente produção de 6 milhões de toneladas no país, a oferta interna foi de 6,425 milhões de toneladas. Na atual temporada os estoques iniciais eram de 2,012 milhões de toneladas, que somados aos 5 milhões de toneladas produzidos, resultaram em 7,012 milhões de toneladas, ou seja, superaram a oferta doméstica do ano anterior em 587.000 toneladas. Nas importações, de agosto de 2008 até maio de 2009 o volume comprado (em grão e farinha) foi de 5,518 milhões de toneladas. No acumulado do atual ciclo o volume comprado é de 5,448 milhões de toneladas. Isso significa que a oferta total nesta temporada, até o momento, é de 12,46 milhões de toneladas, superando o montante da temporada anterior em 517.000 toneladas. A diferença neste ano é que pelo menos 2 milhões das 5 milhões de toneladas produzidas foram de péssima qualidade, sendo destinadas para ração animal. Neste caso, com estoques de 2,012 milhões de toneladas, produção nacional para moagem de 3 milhões de toneladas e importações de 5,448 milhões de toneladas, temos uma oferta total até maio deste ano de 10,46 milhões de toneladas, para um consumo estimado de 10,1 milhões de toneladas. Mesmo assim, a oferta praticamente garante a necessidade da demanda e, com os preços internacionais em baixa, fica praticamente impossível de se viabilizar um cenário de recuperação de preços no Brasil, salvo o surgimento de um fato excepcional que possa mudar o quadro geral. (cf. Safras & Mercado)

No que diz respeito a atual safra, no Rio Grande do Sul, segundo a Emater/RS, a safra gaúcha atual atingiu, nesta semana, 30% de área plantada, sendo que 27% dessa área já se encontra germinada. Com as condições meteorológicas transcorrendo dentro da normalidade e beneficiando a cultura, as lavouras se desenvolvem bem neste início de safra. Não foram registrados casos de pragas ou moléstias, sendo que as plantas apresentam bom desenvolvimento.

Por sua vez, a Fecoagro/RS divulgou a primeira estimativa dos custos e rentabilidade do trigo para a safra 2010 no Rio Grande do Sul. A estimativa tem como base os preços dos insumos em 1º de junho. A receita bruta, considerada por hectare, corresponde ao resultado esperado, em função da venda da produção por hectare ao preço de mercado médio na primeira semana de junho de 2010 no Estado que foi de R\$ 21,56 a saca, multiplicado pela produtividade esperada de 40 sacos/ha. A soma da receita bruta apurada foi de R\$ 862,40 por hectare. O custo total de produção representa a soma do custo variável e fixo para o cultivo de um hectare de trigo. O resultado apurado mostra um custo total de R\$ 1.320,55/ha e de R\$ 33,01 por saca, levando em conta a produtividade esperada de 40 sacas/ha. Assim, mais uma vez, o resultado econômico indica um prejuízo de R\$ 458,10/ha, ou seja, uma defasagem entre a receita e o custo de 34,69% na metodologia da Fecoagro/RS. O custo variável ficou em R\$ 864,05/ha. O produtor de trigo gaúcho, ao preço atual de R\$ 21,56/saca

necessitará colher 61,25 sacas para pagar os gastos totais do cereal nessa safra que esta sendo plantada, caso o cenário de preços no mercado não se altere. Já para pagar apenas o custo variável de produção de R\$ 864,05/ha será necessário colher 40,07 sacas/ha. Isso considerando um clima positivo, o que raramente é o caso. (cf. Safra & Mercado)

Ou seja, economicamente não vale à pena produzir trigo no Rio Grande do Sul para a maioria dos produtores rurais (realidade muito semelhante também no Paraná em muitas regiões). No entanto, como se sabe, o produtor gaúcho não produz trigo visando ganhar dinheiro com a venda do produto no mercado e sim porque tem acesso ao crédito bancário, fato que lhe dá liquidez no período de inverno. Além disso, é uma forma de ocupar a terra nesse período, diluindo os custos da safra de verão pelo uso do maquinário e da infraestrutura existente.

No Paraná, 80% da área prevista estaria semeada, ficando agora a preocupação com o clima e o surgimento de geadas a partir de meados de julho, período crítico das lavouras locais. A área sofreu um recuo de 15,2% segundo o Deral, porém, se o clima ajudar, espera-se uma produção final de 2,95 milhões de toneladas ou 16,3% acima da frustrada safra passada.

Enfim, o custo de importação de trigo, posto CIF moinhos paulistas, pelo atual câmbio, fechou a semana em R\$ 497,00/tonelada para o produto argentino; R\$ 487,00 para o produto uruguaio; R\$ 479,00 para o trigo do Paraguai; R\$ 524,00 para o trigo duro dos EUA e R\$ 482,00/tonelada para o trigo macio dos EUA. Nestas condições, a paridade FOB Rio Grande do Sul deveria ficar em apenas R\$ 392,00; R\$ 382,00; R\$ 374,00; R\$ 418,00 e R\$ 377,00/tonelada respectivamente. Ou seja, bem abaixo do que vem sendo indicado no momento. Isso explica a falta de comercialização do produto local. Para o trigo do Paraná, a paridade FOB fica respectivamente em R\$ 422,00; R\$ 412,00; R\$ 404,00; R\$ 448,00 e R\$ 407,00/tonelada. (cf. Safras & Mercado)

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 21/05 e 17/06/2010.

